

SURGIMENTO DO PAISAGISMO BRASILEIRO

BERNARDI, Daniela.
ZOLINGER, Ana Paula.
GNOATTO, Patrícia Camila Barrete
PROFESSOR AUTOR: ANJOS, Marcelo França dos

RESUMO

O objeto de estudo deste resumo é apresentar a importância do paisagismo. Além disso, ele mostra o surgimento do paisagismo no Brasil do período colonial, até como ele é nos dias atuais, pois é um meio que aumenta as relações da sociedade e natureza, que reflete visões de um novo mundo, objetivando uma busca de uma cidade ideal, de um mundo melhor. Adotando uma pesquisa simples de modalidade bibliográfica. Este resumo apresenta também os principais nomes do paisagismo brasileiro, e a importância de seus trabalhos. O resultado mostra a importância do paisagismo e a sustentabilidade no Brasil e nos ambientes para o bem-estar social. Conclui-se com este estudo, que o paisagismo proporcionará cada vez mais melhorias para obter um mundo melhor.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagismo; Surgimento; cidade melhor.

1. INTRODUÇÃO

O paisagismo é uma especialidade da arquitetura e pode ser definido como a arte e técnica de promover o projeto, planejamento, gestão e preservação de espaços livres. Este trabalho mostra como se encontra o paisagismo no tempo atual, e suas técnicas, a qual a mais importante é o conceito de paisagismo sustentável que consiste em buscar integrar ao paisagismo as dimensões da sustentabilidade, ou seja, uso de plantas nativas, redução da manutenção e atração de ave-fauna selvagem.

A sustentabilidade significa o uso dos recursos naturais de forma responsável e consciente, não prejudicando sua renovação pelas gerações futuras, pois conscientizar as pessoas que o paisagismo serve para manter o equilíbrio do ecossistema destruído pelo homem. Porém não foi assim que tudo começou, tivemos muitos problemas no seu surgimento, pois as plantas nativas eram desvalorizadas, as pessoas tinham medo da mata, e o paisagismo veio tardiamente para o Brasil, ocasionando estes problemas. Este trabalho apresenta a história do paisagismo no Brasil, e destaca a importância do paisagismo, e seus principais artistas brasileiros.

2. REFERENCIAL TEÓRICO OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Paisagismo não é, tão somente a elaboração de jardins e praças. Ele constitui uma técnica cada vez mais apurada, voltada para a criação de áreas paisagísticas que possam substituir espaços destruídos pela constante e desordenada onda de construções. O paisagista tem a missão, portanto, de recompor as extensões geográficas afetadas, servindo-se de elementos de botânica, ecologia, mudanças climáticas de cada região e de estilos arquitetônicos.

Ele constitui uma extensão do curso de Arquitetura, pois o cenário natural também é algo a ser edificado, tanto quanto qualquer construção. Nasce de um ato singular de decorar um espaço, posteriormente conquistando uma maior complexidade, um aprofundamento das pesquisas em torno de suas possibilidades. Atualmente o Paisagismo adquiriu um caráter extremamente técnico, direcionado no sentido de aperfeiçoar esteticamente uma área, mas igualmente para nela imprimir o máximo de praticidade, proteção, aconchego e intimidade.

O Paisagismo abrange todas as áreas onde existe a presença do ser humano. Das áreas rurais até as regiões metropolitanas, o Paisagismo deve atuar como fator de equilíbrio entre o homem e o ambiente. Um exemplo é que no deserto só é notada a presença do homem nos oásis onde existe vegetação nativa ligada à água.

O paisagismo consiste em três etapas: Projeto, Implantação e Manutenção. Por exemplo, se uma pessoa quer fazer o paisagismo de uma área de lazer nos fundos de uma residência, o primeiro passo é fazer o projeto:

Projeto: o paisagista, juntamente com o cliente e o(a) arquiteto(a) pode definir a posição e layout da piscina, da churrasqueira, de um espaço mais íntimo. Depois pode definir os tipos de pisos mais adequados, os elementos funcionais para dar privacidade no solário da piscina, as massas de vegetação para tornar o espaço mais aconchegante, e os elementos estéticos e plantas que irão dar beleza ao jardim.

Implantação: o paisagista pode acompanhar a instalação dos pisos e outros elementos e fica responsável pela compra das plantas, terra, adubos, pedras e o plantio das espécies vegetais e colocação de outros elementos estéticos.

Manutenção: o paisagista é responsável também pelo controle de ervas daninhas, pragas e doenças no jardim, além de podas, adubações periódicas e replantio, para manter o jardim sempre bonito.

Os primeiros sinais do paisagismo no Brasil tiveram início com a dominação holandesa. Na primeira metade do século XVII, Maurício de Nassau introduziu em Pernambuco laranjeiras, tangerineiras, limoeiros, com intuito de se urbanizar as cidades de Olinda e Recife

No período colonial não havia um estilo ou uma tendência paisagística marcante. A vegetação, sobretudo as árvores eram utilizadas como forma de amenizar o calor tropical. Há evidências de jardins ligados à cultura religiosa. Nos mosteiros e conventos se cultivavam plantas para ornamentação das igrejas.

No final do período colonial foram criados os primeiros passeios públicos: Passeio público do Rio de Janeiro (criado pelo mestre Valentim); Passeios públicos de Belém, Olinda, Ouro Preto e São Paulo.

Com a chegada de D. João VI, em 1807, inicia-se um processo de mudança, ele trouxe o paisagismo, e criou o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, a qual vocação era de cultivar espécies para a produção de carvão, matéria prima para a fabricação de pólvora, ele é considerado o primeiro parque público do Rio de Janeiro. Este mesmo passeio é remodelado por Glaziou, a pedido de D. Pedro II, e, com desenho mais curvilíneo, abandona seu traçado rigorosamente geométrico e retilíneo. Glaziou projeta ainda o parque da mansão imperial (a Quinta da Boa Vista), além da quase totalidade dos logradouros públicos e da arborização das avenidas do Rio.

O grande marco da obra de Glaziou foi o fato dele ter sido o primeiro a utilizar em suas composições paisagísticas elementos da flora nativa, os quais, até então não eram valorizados pela sua aparência plástica. Um exemplo foi a alameda de Sapucaias e o reflorestamento das áreas da Tijuca e Paineiras. Utilizou também árvores floríferas no paisagismo, como a sibipiruna, pau-ferro, cássias, paineira, jacarandá, oiti, mirindiba, ipês, quaresmeiras, dentre outras

Até meados do século XIX, membros da corte solicitavam aos embaixadores, sementes e mudas de espécies floríferas para ornamentar os jardins e palacetes. Com isso chegaram novas espécies ao Brasil, como copos de leite, jasmim, lírios, craveiros. A palmeira imperial foi a planta mais conhecida e importante trazida da Colômbia pelos portugueses, para o Brasil, a qual agradou a todos e estava presente em todos os jardins brasileiros.

O Paisagismo brasileiro define-se no séc. XIX, a partir de uma rede consolidada de cidades grandes e médias que, situadas principalmente no litoral e sob forte influência urbanística européia (francesa e inglesa) apresentem condições para a criação de obras significativas, tanto em espaços públicos- parques, como espaços privados- jardins de palacetes e chácaras.

A França se constituiu como o principal modelo de cultura paisagista. Dom Pedro II contratou o francês Auguste François Marie Glaziou em 1859, e se tornou o principal paisagista do império. Ele utilizou pela primeira vez, árvores floríferas no paisagismo, ele implantou vários jardins e parques públicos na cidade do Rio de Janeiro como parques da Quinta da Boa Vista, o de São Cristóvão, o do Palácio de Verão de Petrópolis, o do Barão de Nova Friburgo, e a requalificação do passeio público com caminhos que davam para sentidos diferentes e grandes gramados, além de um pequeno lago e até uma ilha artificial.

Em 1930, surge o trabalho, e as ideias do famoso Roberto Burle Marx, trazendo através do seu trabalho como paisagista toda uma proposta de valorização da cultura brasileira. Um dos mais importantes, consagrados artistas brasileiros contemporâneos, considerado o criador do jardim Moderno pelo Instituto Americano de Arquitetos (Sima, 1991).

Como ele, surgem três pioneiros do Paisagismo moderno em São Paulo: Mina Warchavichick, com seus jardins de cactos e plantas tropicais; Waldemar Cordeiro, outro artista plástico, deixando bastante conhecidas suas aproximações entre arte e projeto. Outro nome bastante importante foi Roberto Coelho Cardozo, que trabalhou com Garret ECKBO e introduziu na FAUUSP, a disciplina de influência do referencial americano, criando uma “escola paulista de paisagismo” que formou arquitetos paisagistas que lideraram, a partir dos anos 60, um campo de investigação profissional, destacando-se Miranda Magnoli, Rosa Kliass e numa segunda geração: Silvio Macedo, Paulo Pellegrino, Benedito Abbud e outros.

2.1.1 PRINCIPAIS NOMES DO PAISAGISMO BRASILEIRO

O principal nome do paisagismo brasileiro é Roberto Burle-Marx, que nasceu em São Paulo em 04 de agosto de 1909 e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1913. Estudou na Alemanha de 1928 a 1929. Ainda era estudante de pintura em Berlim, quando visitou o Jardim Botânico de Dahlem e descobriu a riqueza da flora tropical, com vários exemplos de plantas nativas brasileiras.

Pode-se dizer que o talento de Burle Marx para a arquitetura e desenvolveu dentro de suas múltiplas atividades como artista, pintor e designer de joias. Lúcio Costa, amigo e vizinho, pediu alguns projetos de jardins e terraços após conhecer suas habilidades como botânico. A partir daí começa sua relação com os arquitetos modernistas em muitos projetos notáveis, como os projetos paisagísticos do Eixo Monumental de Brasília, da área verde do conjunto habitacional do Pedregulho, do Aterro do Flamengo e o terraço-jardim do edifício Gustavo Capanema, conhecido como Ministério da Educação e Cultura.

Ele introduz o uso de plantas nativas para composição dos jardins pois queria quebrar a hegemonia dos jardins de caráter europeu e realizar um paisagismo mais voltado à rica biodiversidade do Brasil, utilizando plantas da caatinga e das florestas tropicais. Para ele o jardim não devia se assemelhar à natureza, pois era algo estritamente humano, e por isso invariavelmente manifestava uma intenção, uma interpretação.

A carreira do paisagista começa a ter impulso entre 1934 – 1937, período em que aceita o convite do Governador Lima Cavalcanti, para o cargo de Diretor de Parques e Jardins em Recife (PE). Integra a equipe de obras do Secretário Lafayette Coutinho, atuando ao lado dos engenheiros Luís Nunes de Souza (que já havia trabalhado com o botânico Aristides Leão, no Rio de Janeiro), Fernando Saturnino de Brito e Joaquim Cardozo.

Nesse cargo, reforma várias praças e jardins e projeta os primeiros jardins públicos de natureza ecológica no Brasil, entre eles o Jardim da Casa Forte (1935), um jardim aquático e o Jardim da Praça Euclides da Cunha, (todo com plantas originárias da caatinga), Jardim do Palácio do Governo e da Praça Artur Oscar. Convive ali com Clarival e José do Prado Valladares, Gilberto Freire, Cícero Dias, Gibson Barbosa e outras personalidades.

No tempo em que permaneceu em Recife também projetou jardins para residências particulares, entre os quais o do artista Francisco Brennand. Mais tarde realizaria vários outros projetos paisagísticos para a mesma cidade.

Nesses primeiros jardins, de maneira especial naqueles elaborados em Recife, dá relevância à monumentalidade dos elementos centrais, que pareciam emoldurados como as composições de suas pinturas. Nos anos 40, a solicitação de jardins ao paisagista chegam não só de todo o Brasil, mas a sua fama de autoridade no assunto rompe fronteiras. Projeta-os também para países da América do Sul e Estados Unidos.

Em 1942, é convidado por Rodrigo Mello Franco para projetar os jardins do bairro da Pampulha, em Belo Horizonte (MG): Cassino, Iate Clube, Casa do Baile, Restaurante da Ilha e Roseiral, Igreja de São Francisco e do Grande Parque de Araxá (MG, em colaboração com o botânico Henrique Lahmeyer de Mello Barreto).

Para Burlle Marx, um jardim " é uma obra viva, que resulta da combinação de diferentes formas e cores, como na pintura ou nos sons musicais". E, " um bom jardim é aquele que revela compreensão espacial e justaposição de formas e volumes, como na pintura e na arquitetura (...)".

Em depoimentos e conferências o paisagista afirmou, várias vezes, que um jardim deve ser tecnicamente diferenciado em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Vitória, pois o princípio que deve reger qualquer trabalho do gênero é o de conhecer as plantas e o seu ambiente natural, num jogo de respeito, compreensão e comprometimento com a preservação de espécies vegetais condenadas à extinção, as quais devem ser organizadas de maneira a "criar e transformar um ambiente em que as pessoas se sintam bem, numa arquitetura do viver, num lugar onde possam observar a floração das espécies, as estruturas e dimensões das árvores, estabelecer relações de comparação entre plantas e as gradações tonais das cores".

Mina Warchavichick, esposa de Gregori Warchavchik, é um dos nomes importantes do paisagismo, Mina é considerada pioneira no uso de plantas tropicais. Os jardins de Mina, são conhecidos apenas por uma via extremamente indireta.

As características de seus jardins estão presentes no empregado de pisos formados por retângulos irregulares, com junta de grama. A vegetação - cactos, dracenas, pinheiros, agaves, guapuruvus, parece ser disposta em canteiros no meio do gramado e próximas às paredes da edificação e, em função da topografia, em escalonamentos do jardim governados por muros de contenção. O jardim dá o enquadramento da arquitetura, não apenas como uma ornamentação, mas chegando em muitos casos a procurar um diálogo com ela, encobrendo parcialmente paredes cegas, crescendo sobre o edifício, dando ritmo aos percursos ao seu redor. Em muitos casos podemos observar o jardim prolongando-se sobre a calçada, talvez em consequência dos bairros em que foram construídas as casas, ou denotando um cuidado na sua relação com a rua.

Grande valor foi dado por Mina, por exemplo, aos arranjos de cactos, que se tornaram um dos elementos marcantes de seus jardins. Chegam, de fato, a constituir um tema, e são usados pelo casal até na decoração dos interiores e cenários. Mostram ser, portanto, um elemento simbólico muito forte, emprestado ao repertório presente já nas primeiras pinturas modernistas em São Paulo.

Roberto Coelho Cardozo é considerado o fundador da "escola paulista de paisagismo", pois foi ele quem introduziu no curso de arquitetura da FAU/USP esta especialidade, visando consolidar a profissão. Sua formação acadêmica, ocorrida nos Estados Unidos, favoreceu o desenvolvimento do conceito da paisagem urbana, ao lado dos itens residências e parques. Para tanto, adaptou-se a tropicalidade e exuberância da flora local, bem como às condições climáticas e ambientais. Deixou bem caracterizada a idéia de que o paisagismo deve ser uma síntese entre a história natural e a reflexão artística, preconizando a realização de projetos a condições fixas e não padrões rígidos. Entre seus traços peculiares estavam uma marcante geometrização - linhas retas, ângulos, polígonos e ainda semicírculos e curvas.

A paisagem de Miranda Magnoli está longe de apresentar-se como uma definição pronta e acabada, mais importa a discussão conceitual – teoria e método – para o conhecimento, sempre processual, das paisagens, para a práxis propositiva, no âmbito do plano ou do projeto. A paisagem implica relações entre processos, relações sistêmicas e dialéticas, portanto, não se trata de uma abordagem restrita ao campo do entendimento sistêmico da geografia física ou da ecologia. Envolve uma dialética espacial. Nos princípios de método construídos por Miranda Magnoli para o

conhecimento da paisagem, as escalas não podem ser apreendidas isoladamente, mas sim dialeticamente, trata-se, neste ponto, de posição muito similar ao esforço santosiano de compreensão do lugar diante da totalidade. (SANTOS, 1996a e 2005).

A paisagem de Miranda Magnoli constitui-se, portanto, em uma grande contribuição para a área de Paisagismo. Avança-se para a construção de um Paisagismo crítico, conforme se propõe entender e denominar neste ensaio. Permite-se uma interlocução com as disciplinas sociais que também se ocupam do espaço humano. A paisagem dialeticamente compreendida abre novos caminhos não apenas para as práticas ditas científicas, mas para a práxis do projeto e do planejamento da paisagem e do ambiente em bases muito mais adequadas que as verificadas por abordagens de fundamentação epistemológica marcada pelas ciências naturais, como, por exemplo, a ecologia da paisagem.

2.1.2 UTILIZAÇÃO DO PAISAGISMO

Com o crescimento das cidades e a destruição das flores, o interesse pelos jardins e parques apareceu com um contraponto a sociedade industrial e passou a fazer parque do cotidiano urbano.

A valorização da natureza em centros urbanos atualmente é sinônimo de qualidade de vida, motivo de comemoração para profissionais atuantes em arquitetura paisagística, urbanismo verde e concepção de projetos que valorizam o verde nas cidades. A conscientização da população mudou para a importância de conviver junto à natureza e respeitá-la impacta em uma vida melhor para todos.

É interessante notar que, em determinado momento da história de nosso país, havia muitas pessoas que consideravam “progresso” as cidades construídas com asfalto, muitas edificações e carros pelas ruas. Uma cidade cinza era uma cidade de grande importância, que oferecia aos seus moradores a oportunidade de uma vida melhor, com mais prosperidade.

A calma das cidades do interior, a vida tranquila com o barulho dos pássaros, as crianças brincando na rua e moradores conversando na calçada eram características de uma comunidade que ficou “parada” no tempo, de um local sem oportunidade de crescimento.

A utilização do Paisagismo nos centros urbanos, pode ser um instrumento importante para a Gestão Ambiental, as técnicas utilizadas para a arborização urbana, jardins verticais, calçadas verdes, telhados verdes e jardins filtrantes, melhoram a qualidade ambiental aliados a estética.

O paisagismo contribui para a diminuição do calor, elevação da umidade, diminuição da erosão, melhor drenagem da água, preservação ambiental. O foco dele é para demonstrar o quanto é importante a utilização do verde nos centros urbanos, por menor que seja o espaço disponível existe sempre a possibilidade de integrar o homem ao meio ambiente.

Ele é um dos instrumentos que podem ser utilizados para a melhoria da qualidade de vida e conforto ambiental. Utilizando técnicas de paisagismo, além de modificar a paisagem com projetos de arborização urbana, atraem outras espécies de seres vivos e ampliam a biodiversidade nestes locais, contribuindo para amenizar o impacto ambiental de grandes centros urbanos.

A arborização urbana é de vital importância nos centros urbanos. A existência de vegetação de porte arbóreo é atenuante da formação das ilhas de calor, mantendo um microclima ameno e agradável, auxiliando ainda no sequestro de carbono.

As árvores no ambiente urbano têm considerável potencial de remoção de partículas e gases poluentes da atmosfera. No entanto, a capacidade de retenção ou tolerância a poluentes varia entre espécies e mesmo entre indivíduos da mesma espécie. Mesmo considerando-se que as árvores podem agir com eficiência para minimizar os efeitos da poluição, isso só será possível por meio da utilização de espécies tolerantes ou resistentes. Os danos provocados pela poluição atmosférica podem ser muito significativos, dependendo principalmente das espécies utilizadas e dos índices de poluição.

Pode-se verificar que o Paisagismo é um aliado na melhoria da qualidade ambiental em áreas de intensa urbanização, o ser humano é o maior beneficiado no contato com a natureza, estudos vem demonstrando que a relação do homem integrado ao meio ambiente estimula o relaxamento do corpo físico e mental.

Os profissionais da área recebem formação multidisciplinar e holística. A prioridade é preservar o meio ambiente e inserir elementos que agreguem valor à paisagem e consequentemente ao espaço que é destinado, atraindo a fauna garantindo a proliferação das espécies, proporcionando um rápido escoamento de água através de gramados e canteiros, diminuição da temperatura no local e no entorno através da transpiração da vegetação presente, proporcionando ainda sombra e frescor.

Ao desenhar um projeto paisagístico, somos capazes de entender as necessidades variadas de diversos públicos. Os pocket parks, por exemplo, têm como objetivo melhorar o aproveitamento dos espaços públicos em grandes cidades, transformando terrenos baldios ou espaços que não estão sendo aproveitados – como o vão entre uma construção e outra

– em salas de estar ao ar livre. A ideia é fazer de qualquer espaço, por menor que seja, um território convidativo ao descanso.

Espaços verdes bem concebidos promovem integração social e atuam como elemento indutor de um novo modelo de desenvolvimento urbano para a requalificação e o resgate da qualidade de vida. Seja a área pequena ou grande, a arborização é elemento fundamental tanto para valorizar a identidade e beleza de um núcleo urbano quanto melhorar a qualidade do ar e a saúde humana.

A qualidade de vida dos grandes centros é agravada por diversos fatores de poluição, em especial, a industrial e veicular, pela predominância de transporte baseado em automóveis e ônibus. Os serviços públicos também insuficientes tem sua participação negativa, assim como a desigualdade dos equipamentos, por isso o verde se tornou papel fundamental nos grandes centros.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi descritiva, feita a partir de revisão bibliográfica (com consultas em diversos materiais literários, tais como: artigos científicos, periódicos livros e legislação vigente). A fase inicial do estudo é centrada na revisão bibliográfica e visa a análise do conceito do surgimento do paisagismo, objeto chave do universo da pesquisa, além dos principais nomes do paisagismo brasileiro e suas obras. Para complementar este estudo, foi estudado como é aplicado o paisagismo no cenário atual.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Projetar um ambiente com plantas é tarefa árdua que deve ser conduzida com mãos de maestro, onde entram em jogo fatores como forma, harmonia, cor, textura, beleza e técnica.

Não existe um projeto igual ao outro, a resolução de um bom paisagismo, de um bom jardim, passa pela integração com a residência a, com o edifício e pelos critérios com a escolha das plantas que melhor se adaptam ao clima e suas finalidades.

Valorizar a beleza das plantas individualmente, tendo cada planta o seu lugar onde pode ser observada como única e como elemento de um conjunto maior que é o jardim. Que não se restringe só às plantas, mas aos caminhos, churrasqueiras, bancos, pisos, pergolados, quiosques, fontes, piscinas e acessos. São recursos que quebram a monotonia e podem ser usados com muita criatividade.

Hoje o paisagismo se funde às construções. O verde realça as formas, disfarça as imperfeições, rompe a rigidez dos materiais, suaviza o dia a dia de trabalho. Deve ser estudado e elaborado para que possa valorizar ainda mais o projeto arquitetônico e sua finalidade.

As ações do homem transformaram o espaço em que ele vive, ocasionando a derrubada de matas, e os centros urbanos ficaram cinzentos, pelas construções de cimento, para que isso mude, e a qualidade de vida melhore, para os indivíduos, é necessário o uso do verde, ele ameniza a poluição, e fornece lugares para relaxamento e lazer.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Paisagismo Brasileiro surge, tardiamente, no início do século XVII, com a chegada de Mauricio de Nassau. O paisagismo está presente no dia-a-dia, desde seu início, porem naquela época eles não valorizam a fauna e flora brasileira, o que é diferente dos dias atuais, e hoje em dia há novas técnicas, que indicam a importância que o paisagismo traz para a cidade, como para o indivíduo também.

O principal paisagista é Burle Marx, até nos projetos atuais, ele foi, e continua sendo o mestre do paisagismo brasileiro. Hoje em dia o paisagismo, não é somente paisagismo, ele se preocupa com questões de sustentabilidade, preservação da natureza e com o bem estar da cidadão.

Com a implantação do verde, nos grandes centros urbanos, usando as técnicas citadas neste artigo, a temperatura tenderá a diminuir, melhorando a qualidade do ar principalmente em áreas poluídas. Haverá a atração da fauna, especialmente se houver o estímulo ao plantio de vegetação nativa com floração e frutificações que sirvam de alimentos as aves, proporcionando enfim a preservação do meio ambiente.

REFERENCIAS



13º ENCONTRO
CIENTÍFICO CULTURAL
INTERINSTITUCIONAL

MISSÃO DADA É MISSÃO CUMPRIDA

19, 20, 21 E 22 DE OUTUBRO DE 2015



<http://www.museuvirtualbrasil.org.br/PT/personalidades.php?ator=burle>. Acessado 15 setembro de 2015
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/11.131/3920>. Acessado 16 setembro de 2015
<http://www.arquitetonico.ufsc.br/jardins-filtrantes>. Acessado em 14 de setembro de 2015
<http://www.uff.br/cienciaambiental/dissertacoes/ADFerreira.pdf>. Acessado em 14 setembro de 2015
<http://www.ecodesenvolvimento.org/noticias/guia-da-construcao-verde-paisagismo>. Acessado em 14 de setembro de 2015
<http://www.ohmni.com.br/paisagismo-sustentavel.html>. Acessado em 15 de setembro de 2015
http://www.lpv.esalq.usp.br/lpv0480/Paisagismo_sustentavel.pdf. Acessado em 16 setembro de 2015
<http://www.museuvirtualbrasil.org.br/PT/personalidades.php?ator=burle>. Acessado em 16 setembro de 2015
<http://www.shcu2014.com.br/content/obra-roberto-burle-marx-em-brasil-papel-do-paisagista-moderno-na-capital-modernista>. Acessado em 15 de setembro de 2015
http://www.brasil.diplo.de/Vertretung/brasilien/pt/02_Brasilia/Bo_HK/Burle_Marx_e_Embaixada_Seite.html. Acessado em 15 de setembro de 2015